

Memorial descritivo

Imaginamos um edifício que, para além de abrigar o CAU/SP, fosse um discurso pedagógico sobre o nosso ofício. Um artefato que falasse ao usuário sobre a complexidade da arquitetura e seus compromissos com a história, com o tempo e com o lugar. Um edifício que, didaticamente, expusesse seu processo construtivo, sua lógica estrutural, o caminho das instalações, a adequação dos materiais às suas funções e toda a técnica requerida no exercício da profissão de arquiteto. Tudo isso a serviço da função social do nosso trabalho, da qualidade do espaço para as pessoas e da mitigação das perversas membranas que separam o público do privado nas cidades brasileiras. O edifício é primeiramente praça. A fachada preservada não é mais um limite, uma barreira, mas um grande pórtico que assinala a transição livre entre o burburinho da rua e o espaço interno abrigado e público. “A cidade é uma casa e a casa é uma cidade” (Vilanova Artigas). A subversão desses limites, entre o dentro e o fora, entre o privado e o público, entre o meu e o nosso, estão na base humanística do nosso ofício. A fachada histórica agora também se volta para dentro e acena à casa como cidade. O edifício se afasta da fachada frontal num recuo reverente, gerando um átrio que celebra a comunhão entre o antigo e o novo. A luz e os sons da rua, agora filtrados pelo grande pórtico/fachada, configuram o espaço de transição. A edificação também se afasta das empenas laterais, deixando à vista seu processo construtivo, permitindo que a estrutura apareça e nos conte sobre a sua lógica e seu rigor matemático. Os forros de todos os ambientes, em malha ortogonal vazada, deixam perceber as entranhas do objeto. Cabos, tubos e fios nos dizem que fazer arquitetura não é simplesmente esculpir um objeto. Esconder tudo isso é esconder também o trabalho de muita gente, de muitos saberes; é uma maneira de diminuir o caráter coletivo de uma obra arquitetônica e a importância de cada contributo. As áreas de trabalho estão, portanto, contidas em um grande cristal de vidro, separado das antigas alvenarias e fachada, de maneira que se saiba quem chegou primeiro. À noite, esse cristal vira farol e vaza através das antigas aberturas, iluminando a rua e anunciando o novo morador daquela casa. Acrescentamos dois níveis acima da configuração original, bastante recuados da fachada, de maneira a não comprometer as proporções originais. Eles abrigam depósitos, casas de máquina, terraços e serviços auxiliares. Essa medida permitiu os recuos da caixa de trabalho, tanto das laterais quanto da fachada, provendo luz natural e ventilação, diluindo o caráter de praça confinada que, no nosso entender, transformaria esse logradouro em mais uma sala. Esse edifício é texto e ele fala sobre nós, arquitetos.